



PROMOÇÃO ECLESIAL

UM Senhor Bispo da Metrópole referiu-se recentemente à debandada do laicado, lamentando que muitos abandonam as suas responsabilidades apostólicas. Uns saem nos bicos dos pés, enquanto outros batem ruidosamente a porta. Mas há ainda muitos outros inscritos nos ficheiros paroquiais, que desconhecem qualquer preocupação apostólica.

Centenas de crentes enchem os templos num ritmo semanal para «assistirem» à missa. Vão cumprir um dever. Aproveitam-se ainda dos serviços do culto nos momentos importantes da vida, como nos nascimentos, matrimónios, funerais. Mas a maior parte deles ainda nunca experimentou o que significa pertencer a uma comunidade eclesial consciente da sua fé e dos compromissos evangélicos.

Existiu para todos uma catequese infantil feita muitas vezes de fórmulas e explicações abstractas, dificilmente assimiláveis. Mas o processo de crescimento e amadurecimento da fé ficou interrompido. E temos o infantilismo religioso dos que desconhecem as exigências mais elementares de uma comunidade cristã situada no mundo para ser sinal e sacramento de amor e unidade. Julgam que tudo se reduz a um cumprimento formal de certos actos de culto.

Entre esses infantilismos fáceis de detectar está o de se considerar a fé como uma aceitação intelectual das fórmulas dos catecismos, esquecendo que a fé implica também um compromisso de vida. Adoptam uma cómoda fé intelectual que não muda mentalidades e comportamentos, mas se situa no mundo abstracto das ideias.

E se nos referirmos à imagem de Deus de muitos crentes, verificamos que o consideram ao estilo dum relojoeiro que construiu o mundo com perfeição; de um polícia sempre pronto a castigar os maus; de um milagreiro para os momentos difíceis. E onde está o Deus que é amor?

Outro infantilismo das comunidades cristãs: o divórcio existente entre o culto e a vida. O culto que se torna um «protocolo» social, sem qualquer relação com as suas exigências de compromisso. A vida sacramental e a oração não aparecem incorporadas ao ritmo da vida de cada dia.

Mas a grande ilusão de muitos crentes consiste em julgarem-se bons cristãos, cristãos praticantes, cristãos eminentes, desconhecendo a lei fundamental do amor incondicional aos irmãos. Vivem enganados; já que «aquele que não ama o seu irmão, a quem vê, não é possível que ame a Deus, a quem não vê?» (I Jo. 4,20). Um amor que é força impulsora de uma sociedade mais justa e fraterna.

Uma promoção eclesial exige, em primeiro lugar, uma doutrinação compreensível que dê ao fundamental o seu lugar e ao secundário apenas o seu valor secundário. Exige uma urgente mentalização conciliar a nível popular, a fim de que o Vaticano II se torne verdadeiramente notícia alegre para todos. O povo tem fome de uma doutrina válida para os tempos actuais. E quem lhe irá distribuir o pão da Palavra?

Muita literatura pós-conciliar pode cair no perigo de ficar num mero abstractismo, substituindo apenas uma terminologia velha por novas e deliciosas palavras, mas que não deixam de parecer ao povo tão exóticas como as antigas. E continuam as ignorâncias de sempre, os eternos infantilismos.

Quando existir uma fé adulta, teremos comunidades eclesiais conscientes da sua missão no mundo. As comunidades eclesiais serão então «o espaço onde a verdade cristã se torna opção transformadora, conversão, confissão de fé e compromisso; onde os sacramentos se tornam celebração; onde os imperativos evangélicos se tornam testemunho de vida; onde a comunhão com Cristo se torna fraternidade e serviço» (M. Useros) . . .

Pedrosa Ferreira

«Novidades», 19-12-970

Reunião

Sua Ex.ª Rev.ªm o Senhor Arcebispo Primaz, no dia 5 do corrente, assistiu à reunião do clero deste arcebisado, que teve lugar na Residência Paroquial desta Vila.

Exortação sobre a Disciplina da Penitência

(Aos Reverendos Párocos e Capelães para lerem e explicarem aos Fiéis,
à Estação da Santa Missa, durante o Mês de Janeiro)

Sentindo o peso da responsabilidade pela salvação das almas, cumpre-nos, sacerdotes e caríssimos colaboradores, uma palavra, a propósito do dever da penitência, pedindo-Vos que a transmitais aos fiéis. Para ela roga a vossa melhor atenção e benevolência.

Penitência!

Sabeis que há uma ordem, uma lei do Senhor, a qual nos obriga a fazer penitência. Disse-o, bem recentemente o Santo Padre desta maneira: «por lei divina todos os fiéis estão obrigados a fazer penitência».

E se, através dos séculos, a Igreja sempre teve consciência dessa obrigação, ela «conhece, agora, mais claramente os deveres a que são chamados todos os seus membros, de participar na mesma missão do próprio Salvador, inclusivé no que se refere a expiação ou penitência. A Igreja reconhece que, embora seja ela por disposição de Deus, santa e irrepreensível, os seus membros, precisam de se converter a Deus e de se renovar interna e socialmente». . . . A Igreja «atenta aos sinais dos tempos, busca, além do jejum e da abstinência, novas formas de penitência, mais aptas e acomodadas para alcançar o seu fim, segundo a condição das diversas épocas.

No Novo Testamento e na história da Igreja, a penitência é não só o meio de nos assemelharmos a Cristo paciente, mas também uma necessidade de ascese. . . .

A penitência é exigida pela justiça divina, mas o Senhor deixou aos seus representantes, na terra — Papa e Bispos — poder de determinar modos concretos de a fazer.

Por isso, em 1966, pela Constituição Apostólica «Pænitemini», o Vigário de Cristo modificou a prática comum, até então seguida como mínimo obrigatório pela lei eclesiástica, deixando, evidentemente, à iniciativa individual muitos outros modos de fazer penitência e recomendando «encarecidamente a todos os fiéis que informem sinceramente a sua alma com o genuíno **espírito cristão de penitência**, o qual os mova mais eficazmente a realizar obras de penitência e de caridade».

De harmonia com esse documento, os Bispos de Portugal determinaram as normas a que havia de obedecer o exercício da penitência pública, nos territórios confiados à sua cura pastoral.

Vós as conheceis. Elas encontram-se exaradas nas folhas de contributo penitencial, e são substancialmente desta ordem:

1) — Abstinência e jejum nos dias determinados pelo Santo Padre; isto é, jejum e abstinência a 4.ª-feira de Cinzas e a 6.ª-feira Santa; abstinência todas as 6.ª-feiras do ano.

2) — Ou, fora da quaresma:

a) participação na Santa Missa;

b) leitura da Sagrada Escritura durante 30 ou 15 minutos, conforme os casos;

c) exercício da Via-Sacra;

d) recitação do rosário ou terço, conforme os casos;

e) contributo de **carácter penitencial**, oferecido anualmente, para as necessidades da Igreja em Portugal, cujo quantitativo determinaram, segundo critérios já notos, os mesmos Pastores.

Queremos deixar consignado aqui, por escrito, o nosso muito reconhecimento a vós sacerdotes e a todos os fiéis.

A Arquidiocese compreendeu que a Igreja, tendo de levar por diante a obra de Evangelização, não pode dispensar a colaboração e sacrifício dos seus filhos. . . . Sinto-me ainda, a este respeito, no dever de informar não ser vontade do Episcopado que a determinação do quantitativo do contributo penitencial levante problemas de consciência aos fiéis e preocupações, aos sacerdotes que os devem orientar. . . . Podeis — tuta consciência — receber a oferta que cada um, perante Deus, julgar dever entregar, como sua penitência; nem será mal, quando surgirem dificuldades, aceitar entretanto, como indicativo, o contributo dado sob a vigência dos Indultos.

Apraz-nos findar esta breve exortação fazendo os melhores votos de um Ano pleno de graças para vós e os fiéis da Arquidiocese.

Que a todos abengõe o Senhor, permanecendo na oração mútua.

† FRANCISCO, Arcebispo Primaz

Da nossa Vida

Mais um ano se passou sobre este Boletim. Subsistimos com dificuldade, porque alguns esposedenses, a quem o enviamos, nem sequer acusaram a sua recepção. A alguns deixamos de o enviar para tentarmos outros leitores, talvez (?) mais interessados, sem aumentar a tiragem.

Gastamos a quantia de 7.800\$00 na tipografia e 188\$00 em selos e correio, o que totaliza a quantia de 7.988\$00.

Temos um déficit de 330\$00 que esperamos saldar com a generosidade de alguns amigos.

O nosso maior agradecimento vai para as catequistas, que num gesto de abnegação e sacrifício, não têm esmorecido na preciosa colaboração de o distribuir pelo povo desta Vila, ou pelas pessoas com quem contactam.

Agradecemos a colaboração que nos têm prestado, ou se dignarem prestar-nos, em artigos apropriados, trabalho de expedição, etc.

E continuaremos corajosos, lembrando sempre que este Boletim é de todos nós.